

Elementos para a criação de oficinas de rádio para comunidades – a proposta da Rede Uerj de Comunicação Popular

*Sonia Virgínia Moreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

Na sua essência, o projeto Rede Uerj de Comunicação Popular tem como base os conceitos e definições para extensão geralmente adotados pelas universidades, entendida como “o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, capaz de estabelecer ações interativas entre a universidade e a sociedade”.¹

À Universidade estão reservados inúmeros papéis: um dos principais é dar condições para que a própria sociedade se conheça. Há evidências de que “a sociedade brasileira ignora o discurso e as informações trazidas pelas classes populares. Parte-se do pretensioso princípio de que a população nada sabe e que as camadas mais favorecidas conhecem o que deve ser transmitido para educá-la”.² Cumpre à universidade, portanto, instituir ações que possam colaborar para que tal ignorância seja superada.

Nesse sentido, a área de extensão se constitui como o campo mais propício ao desenvolvimento de projetos voltados para a comunidade, pelo fato de ser sua a tarefa de “oxigenação do ensino e da pesquisa desenvolvidos, para que estes não se constituam mais privilégios de poucos, mas sejam socializados e revertidos em proveito de toda a sociedade, principalmente quando se trata de universidades públicas”.³

Antecedentes

Como universidade pública comprometida com o Estado do Rio, a Uerj registra em sua história iniciativas na área de comunicação popular que apresentaram resultados satisfatórios. Em 1990, uma equipe de professores e alunos do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social desenvolveu o jornal *Vida*, resultado das discussões e debates do Fórum Permanente contra a Violência, que reuniu mais de 60 entidades e movimentos sociais da

¹ Regulamentação dos Procedimentos de Cadastro e Relatório de Evento/Projeto/Programa de Extensão. Sub-Reitoria de Extensão e Cultura da UERJ, 19/11/1993.

² BARDANACHVILI, Eliane. “País ignora discurso e modo de vida das classes populares” – entrevista com Victor Vincent Valla. *Jornal do Brasil* [Emprego e Trabalho], 25/06/2000, p. 1-2

Baixada Fluminense. Na época, o trabalho foi considerado de grande importância, “por tratar-se de uma excelente oportunidade para o treinamento, o trabalho prático e a aprendizagem dos alunos (...). Além, é evidente, do serviço prestado à comunidade com o produto final”.⁴

Junto com o jornal, a iniciativa incluiu a realização de um Curso de Comunicação Popular, com duração de 25 horas, do qual participaram 30 pessoas vinculadas a jornais e boletins alternativos da Baixada Fluminense. A demanda criada pelo curso gerou o desdobramento da proposta em outra atividade de caráter regular, a Oficina de Redação, a cargo da mesma equipe de professores e alunos.

Antes dessa experiência, uma comissão designada em 1988 pela Reitoria da universidade para avaliar as possibilidades de implantação de uma Rádio Uerj, cujo papel seria estabelecer maior fluxo de informações entre o corpo docente e o discente, apontou a necessidade de instalar um Sistema Uerj de Comunicação, que tornaria viável “uma integração real da Universidade”⁵ e facilitaria o acesso da população à educação e à cultura.

O projeto também atendia em parte as exigências legais para o funcionamento dos cursos de Comunicação Social, obedecendo o parecer do Conselho Federal de Educação nº 480/93 e a Resolução do MEC nº 002/84, que regulamentavam o currículo mínimo desses cursos no país. Ainda hoje, independente do fato de a legislação sobre a área ainda estar em fase de transição, à espera da aprovação definitiva das normas gerais contidas nas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação Superior, o Ministério da Educação exige, para os cursos de Comunicação, recursos laboratoriais que permitam ao profissional da área ter “conhecimento da realidade social em que vai intervir e também as técnicas e linguagens de sua profissão (...)”. O documento observa que o conhecido “não deve se limitar às técnicas consagradas pelo uso. Deve contemplar a possibilidade de se transcender às práticas usuais, pela pesquisa e criação de novos recursos expressivos, sendo os cursos de Comunicação o ambiente adequado para isto”.⁶

A versão das Diretrizes Curriculares para a área de Comunicação e suas habilitações inclui entre as características do perfil desejado dos formandos em Jornalismo “o relacionamento com a realidade social e cultural e com ambientes naturais, voltado à percepção, à interpretação e à recriação destes através de som e imagem e do registro destas percepções, interpretações e

³ CUNHA, Lenilda Soares. Nos caminhos da extensão universitária brasileira.

⁴ BESSA FREIRE, José Ribamar. Relatório das Atividades de Extensão do Departamento de Jornalismo. FCS/Uerj, 05/03/1990

⁵ MOREIRA, Sonia Virgínia. Relatório Final – Comissão Rádio Uerj. Dezembro de 1988.

⁶ Documenta 274. Brasília: MEC/Conselho Federal de Educação, outubro de 1993.

recriações, de modo a torná-las disponíveis para a sociedade”.⁷ Como parte da estrutura geral do curso de Comunicação, o documento prevê “modos de integração com a sociedade e com o mercado de trabalho”, relacionando entre os procedimentos possíveis “as atividades regulares de extensão” e “a interação entre o curso, através de docentes, discentes e profissionais dos serviços de apoio, com entidades representativas dos diversos segmentos na área das comunicações e com setores da sociedade civil em geral, que atuem no sentido da busca de soluções para os problemas de interesse público da área”.⁸

No campo da Educação à Distância, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal nº 9.349/96), sancionada pelo Presidente da República em dezembro de 1997, determina em seu Artigo 80 que “o poder público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino à distância, em todos os níveis e modalidades de ensino e de educação continuada”. No parágrafo 4º do mesmo Artigo, faz a ponte com a área de Comunicação: “A educação à distância gozará de tratamento diferenciado que incluirá 1) custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens; 2) concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas; 3) reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais”.⁹

O projeto piloto Rádio Uerj realizado durante 1988, por exemplo, representou o início de um trabalho de produção radiofônica com a valorização do ensino e da aprendizagem, “proporcionando ao professor a possibilidade de desenvolvimento da sua vivência profissional e ao aluno a viabilização da prática através de estágio interno que, dessa maneira, cria condições favoráveis para que ele possa enfrentar a realidade do mercado de trabalho ao deixar a Universidade”.¹⁰ Desenvolvido como parte de uma disciplina da graduação, o projeto piloto Rádio Uerj possibilitou a melhoria do conteúdo do curso. “Desde o primeiro programa, gravado em 21 de setembro, até o último, em 23 de novembro, nota-se uma clara evolução na estrutura do texto jornalístico para o rádio”.¹¹ A gravação da série de programas foi viabilizada pela parceria estabelecida na época, de modo informal, entre o Departamento de Jornalismo e o Centro de

⁷ Diretrizes Curriculares da Área de Comunicação e suas Habilitações. Brasília: SESu/MEC, 1999, p. 9

⁸ Diretrizes Curriculares da Área de Comunicação e suas Habilitações. Brasília: SESu/MEC, 1999, p. 28

⁹ ZENTGRAF, Maria Cristina. “Educação à Distância”. Fundação Getúlio Vargas, Escola Brasileira de Administração Pública/Curso de Formação Didático-Pedagógica, 1998, p. 8.

¹⁰ MOREIRA, Sonia Virgínia. Relatório Final – Comissão Rádio Uerj. Dezembro de 1988.

¹¹ CASÉ, Rafael Orazem. Implantação da Rádio Uerj. Projeto Experimental para conclusão do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Uerj, dezembro de 1988.

Tecnologia Educacional (CTE), que estava previsto para atuar como elemento de apoio logístico e técnico-operacional na execução oficial do projeto Rádio Uerj.

Diante dessas abordagens, que marcaram os projetos de extensão da Uerj na área de Comunicação/Jornalismo no final dos anos 80 e início dos anos 90, os alunos tiveram a oportunidade de estar envolvidos em ações que conjugavam os diferentes campos do conhecimento, mantendo uma visão específica da sua área de formação, com um diferencial: mais afinada às demandas sociais do que meramente mercadológicas. Esse campo de experimentação só poderia existir no âmbito de uma universidade, dado o seu caráter de instituição voltada para a construção do conhecimento e, portanto, ambiente propício à experimentação e à reflexão.

Proposta geral da Rede Uerj de Comunicação Popular

Somando-se às possibilidades de conteúdo que compõem a formação dos alunos do curso de Comunicação Social e de Programação Visual, o projeto Rede Uerj de Comunicação Popular permite o fortalecimento da presença da Universidade no Estado do Rio de Janeiro no processo de interiorização e expansão das atividades em seus *campi* regionais¹².

Pode-se afirmar que o projeto também constitui tentativa de retomar uma linha de ação assumida no final da década de 1980 por algumas universidades brasileiras, como a Universidade de São Paulo. Em texto datado de 1988, o Prof. José Marques de Melo, então na Escola de Comunicações e Artes da USP, relatou a iniciativa da ECA de incluir o jornalismo popular na sua estrutura didático-científica, justificando que tal fato “não se deveu apenas a uma contingência mercadológica, (...) mas por entender que em uma universidade pública como a USP, mantida com recursos oriundos dos tributos populares, deve existir um compromisso permanente para devolver à população, através do saber produzido, a contribuição simbolizada nos impostos”. O relato encerrava-se com uma previsão: “é de se esperar que iniciativas semelhantes sejam retomadas ou recriadas em outras escolas de comunicação na década de 1990”.¹³

¹² Os *campi* regionais da Uerj estão localizados em Duque de Caxias (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense), São Gonçalo (Faculdade de Formação de Professores), Friburgo (Instituto Politécnico do Rio de Janeiro), Resende e Ilha Grande. O *campus* principal fica no Maracanã e outras unidades estão instaladas em Vila Isabel (Centro Biomédico e Hospital Universitário Pedro Ernesto), Centro da Cidade (Escola Superior de Desenho Industrial) e Rio Comprido (Colégio de Aplicação).

¹³ MELO, José Marques de. “O popular nas escolas de comunicação”. *Tempo e Presença*, março de 1988, p. 14.

O Brasil não foi o único, entre os países latino-americanos, a atentar para a importância da comunicação popular. Exemplos clássicos das décadas de 1960 a 1980 são as rádios mineiras na Bolívia e as rádios revolucionárias na Nicarágua, que além produzirem programações diversificadas também introduziram formas diferenciadas de participação, organização e gestão, dentro de um processo de participação popular.¹⁴

Em 1990, no Peru, uma análise das rádios populares demonstrava que “apesar de ainda ser recente na região, o amadurecimento da comunicação popular na América Latina resultou na substituição de uma visão ‘mediática’ da comunicação, que tinha nos meios o seu eixo principal, por uma visão mais cultural, em que o homem (os seus estilos de vida e as suas formas de comunicação) passou a ocupar lugar de destaque, como resultado de um longo processo de reflexão. (...) É quando se começa a ‘descobrir’ que o meio não era a mensagem e que os meios não eram onipotentes nem onipresentes”.¹⁵ O “descobrimento” da existência de outras matrizes culturais permitiu que o receptor, como sujeito social, se transformasse em protagonista dos trabalhos de pesquisa em comunicação.

É nesta direção que o projeto Rede Uerj de Comunicação Popular pretende caminhar: de forma que as comunidades e grupos participantes dos cursos e atividades de extensão ocupem o lugar principal, gerando demandas em vez de consumir modelos pré-formatados de comunicação, com pouca ou nenhuma identidade com suas origens e necessidades.

A metodologia sugerida

Em linhas gerais, a Rede Uerj começa a ser desenvolvida para formar uma espécie de “teia” que posteriormente dará origem a uma efetiva rede popular de comunicação. As ações iniciais baseiam-se em cinco pontos implementados na ordem que se segue.

- Organização e oferta de Cursos Internos de Atualização, combinando as demandas dos profissionais do CTE e dos alunos dos cursos de Comunicação Social/Jornalismo, Pedagogia/Educação e Desenho Industrial/Programação Visual (bolsistas ou estagiários do Projeto Rede Uerj). A proposta dos cursos internos é dirigir-se preferencialmente para as

¹⁴ PERUZZO, Círcia M. Khroling. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 192-214.

¹⁵ SIAS, Gina Gogin. “De los distintos modos de hacer radio en el Perú”. In: ALFARO, Rosa M., TÉLLEZ, Rubén, PINILLA, Helena e GOGIN, Gina (org). *Cultura de Masas y Cultura Popular en la Radio Peruana*. Lima: Calandria, 1990, p. 163-167.

áreas de redação segmentada, produção para rádio, TV e internet, noções didático-pedagógicas e *web design*, com turma limitada a dez participantes.

- Organização e oferta de Oficinas de Capacitação para o público externo, voltadas para pessoas já envolvidas ou que queiram se envolver na produção de jornais, programas de rádio e TV e material para divulgação na internet, sem formação prévia na área. Inicialmente, as oficinas são dirigidas a representantes de comunidades ou grupos sociais situados nas localidades dos *campi* central e regionais. Posteriormente serão abertas à população em geral, permitindo a inscrição de profissionais já formados que queiram se atualizar. As Oficinas de Capacitação abrangem treinamento nas áreas de câmera, locução, elaboração de roteiros de programas para rádio e TV, radionovela, jornalísticos para rádio e TV, edição gráfica e eletrônica, animação e *web design*. O limite de vagas nas oficinas também é de dez participantes.
- Instalação do Laboratório de Crítica de Mídia, cuja primeira tarefa é avaliar e analisar criticamente os produtos impressos, audiovisuais e *online* desenvolvidos no Centro de Tecnologia Educacional. O Laboratório, atualmente em fase de consolidação, prevê uma equipe formada por professores, profissionais de TV e consultores externos para organizar, discutir e registrar as avaliações e análises dos produtos. A proposta do Laboratório de Crítica é funcionar como elemento ativo na avaliação das produções e produtos do projeto Rede Uerj de Comunicação Popular.
- Como instância paralela, ocorre o processo de implementação de cursos e atividades de extensão via educação à distância produzidos pela Rede Uerj de Comunicação Popular ou por professores/pesquisadores com projetos registrados de extensão. Agregados a partir dos oito eixos temáticos definidos pela Rede Nacional de Extensão (Renex) – comunicação, cultura, direitos humanos, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e trabalho – a atuação no campo da educação à distância projeta-se como uma ação complementar dentro do projeto Rede Uerj de Comunicação Popular.
- Finalmente, encontra-se em fase de estudo a criação do Serviço de Consultoria de Apoio, destinado a avaliar e orientar regularmente projetos aprovados por um grupo interno de consultores, composto por representantes das instâncias acadêmicas e administrativas da universidade. A equipe executora do projeto Rede Uerj de Comunicação Popular está encarregada de selecionar as produções de ex-participantes das oficinas de capacitação que

possam receber acompanhamento continuado, desde que a demanda venha de indivíduos, grupos ou comunidades sem vínculos político-partidários e/ou religiosos.¹⁶ Ficou estabelecido como limite por semestre a realização de três consultorias simultâneas, em meios diferentes.

Em todos os meios – impresso, rádio e TV – os cursos e oficinas têm curta duração (entre 25 e 35 horas) e devem resultar sempre na produção de veículos e produtos que possam servir como experiência e modelo para novas iniciativas. Em relação aos cursos de extensão via educação à distância, a equipe da Rede Uerj de Comunicação Popular entrará com apoio pedagógico (de unidades acadêmicas) e tecnológico (do próprio Centro de Tecnologia Educacional) que ajudem a viabilizar a execução da iniciativa.

O processo de avaliação da equipe para os cursos internos de atualização compreende redação de texto, teste de estúdio (TV e vídeo), teste de locução (rádio), demonstração de prática com manuseio de equipamentos e entrevista em grupo.

Já o processo de seleção para as Oficinas de Capacitação, abertas ao público externo, demanda breve exposição de motivos sobre o interesse nas Oficinas, produção de texto ou de material em áudio, TV, vídeo ou desenho de animação em teste aplicado pelo CTE, completado por entrevista individual.

Experiências em curso: a primeira oficina e o projeto piloto de rádio

No final do segundo semestre de 2000, entre os meses de novembro e dezembro, nove pessoas – professores da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (*campus* da Uerj localizado no município de Caxias) e representantes da comunidade de Vila São Luiz (bairro onde está localizada a Faculdade) – participaram da primeira Oficina de Rádio da Rede Uerj de Comunicação Popular.

Durante cinco sábados seguidos, entre 9h e 13h, o grupo reuniu-se no *campus* central do Maracanã, em salas de aulas e no estúdio de áudio do Centro de Tecnologia Educacional, para receber as noções básicas do veículo rádio. O professor responsável, junto com um monitor e um operador de áudio, desenvolveram o conteúdo proposto para a Oficina inicial, cujo programa incluiu elementos como história do rádio brasileiro (evolução do meio, das linhas de

¹⁶ Este é um ponto crucial a ser observado na seleção dos participantes das Oficinas e do Serviço de Consultoria da

programação de emissoras, dos recursos tecnológicos); conteúdo radiofônico (as variações possíveis de atrações – dos informativos ao radioteatro); edição e locução no rádio.

Os integrantes da primeira Oficina de Rádio foram selecionados a partir do interesse em participar da instalação prevista para funcionar a princípio internamente, como sistema de som, nas dependências da Faculdade de Educação – uma espécie de estágio preparatório para a criação de uma rádio comunitária no bairro de Vila São Luiz, cuja população é formada por trabalhadores da Refinaria de Duque de Caxias (Reduc), pescadores e operários de empresas instaladas na região. Formou-se, assim, de maneira espontânea, o primeiro grupo a frequentar a Oficina de Rádio baseada no modelo da Rede Uerj de Comunicação Popular.

Segundo o jesuíta Pedro Gilberto Gomes, “o que torna uma comunicação popular é sua inserção num contexto alternativo, de forma a potencializá-lo”. E completa: “O jornalismo popular experimenta uma mudança fundamental no seu processo de produção: desenvolve uma produção democrática e participativa. (...) Sua linguagem é popularizada: deixa de lado a linguagem erudita da cultura dominante para falar do modo do povo”.¹⁷

Tomando por base essas considerações, a Rede Uerj de Comunicação Popular está iniciando o trabalho de elaboração de guias e manuais (impressos e no formato CD-Rom) para servir como textos de apoio para as diversas Oficinas. A idéia é produzir em formato impresso e digital volumes como: Manual de Redação Popular, Manual de Estilo de Programação Popular, Guia para a Produção de Veículos Populares – com versões específicas para cada meio de informação (impresso, rádio, televisão e, possivelmente, internet).

O projeto piloto das atividades da Rede Uerj de Comunicação Popular consiste na criação de um programa radiofônico que leva o nome *Rádio Guarani*. A ênfase de trabalho nessa linha está relacionada ao fato de, apenas no Estado do Rio de Janeiro podermos escutar, nos dias de hoje, a melodia das frases, a poesia, o canto e outras manifestações literárias orais em Guarani Mbyá, a língua falada por mais de 500 índios que vivem em três aldeias situadas nos municípios de Angra dos Reis e Parati. Exclusivamente oral, os Guarani do Rio de Janeiro mantêm intercâmbio ativo com as demais aldeias do litoral – existem 64 delas em todo o Brasil, reunindo aproximadamente 28 mil índios, distribuídos por dez estados.

Rede Uerj de Comunicação Popular, que não deve estar vinculada a nenhum partido ou órgão político.

¹⁷ GOMES, Pedro Gilberto. “Jornalismo popular: uma experiência democrática”. *Tempo e Presença*, março de 1988, p. 9

Com seus conhecimentos, sua música, sua língua, sua religião e suas diferentes manifestações literárias e artísticas, os Guarani contribuem para a diversidade e riqueza multicultural do Rio. Pela sua contribuição ampla e diversificada e pela sua presença atual no Rio de Janeiro, o grupo foi escolhido como representativo para criar uma rádio bilíngue e intercultural. Ao tomar ciência do projeto, no mês de março de 2001, o Museu do Índio mostrou interesse em participar do piloto financiando a aquisição dos equipamentos necessários para a instalação de um sistema de alto-falantes na aldeia Guarani de Bracuí, que reúne mais de 300 índios.

No campo educacional, há muito a ser feito para retirar os povos indígenas da exclusão sistemática a que foram submetidos. Assim, utilizando como marco a perspectiva em que os índios são também considerados como agentes da história, e aproveitando as recentes comemorações dos 500 anos do Brasil, a Rede Uerj de Comunicação Popular tem como meta a criação, no segundo semestre de 2001, do programa *Rádio Guarani*, que começa como serviço de alto-falantes, mas poderá se transformar em uma emissora bilíngue e intercultural. É uma forma da universidade contribuir para o registro do patrimônio imaterial Guarani – literatura, ciência, arte, religião – e para a recuperação e a difusão da tradição oral entre os próprios índios, além de familiarizar a população não indígena com a vida e os costumes de um dos povos mais importantes na história dos contatos entre índios e europeus na América do Sul.